

A Contribuição do Webjornalismo na Construção da Sociedade do Conhecimento

Sônia Padilha*

Universidade da Beira Interior

Universidade Metodista de São Paulo

Índice

1. Jornalismo, Informação e Conhecimento	3
2. Construção do conhecimento	4
3. O webleitor e a webnotícia	6
4. Atributos do webjornalismo	9
5. Considerações Finais	13
6. Referências Bibliográficas	13

Resumo

Embora a sociedade do conhecimento, forjada pelo processo de globalização e convergência informação/novas tecnologias de Informação e comunicação (NTICs) ainda esteja em construção, é possível nos questionarmos sobre o papel do webjornalismo na composição da moeda motriz dessa sociedade, ou seja: o conhecimento. Destarte, este trabalho observa a contribuição do webjornalismo a partir de seus atributos, considerando que informação é a célula do conhecimento e que as notícias são processos de

reprodução celular que colaboram na edificação de um saber estratégico que leva ao entendimento de contextos, tendo ainda a qualidade de tornar o mundo mais inteligível.

Palavras-chave: webjornalismo, informação, sociedade, conhecimento, Internet, Sônia Padilha*

Nos últimos anos a sociedade do conhecimento se tornou assunto reverberado por diversas áreas de interesse científico. Da educação à comunicação todas têm algo a dizer sobre essa sociedade. E é por ser um tema relativamente novo que vemos surgirem muitas idéias sobre os fenômenos que o cercam. Ao pesquisar na Internet sobre o assunto no metabuscador do Google vamos encontrar aproximadamente 583 mil indicações. 567 mil só em língua portuguesa¹.

A sociedade do conhecimento, forjada pelo processo de globalização² e convergên-

¹ Pesquisa realizada em: 08/06/2007.

² Como é vista por Anthony McGrew que concebe o fenômeno como "... processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado" (MCGREW apud. HALL 2005: 67).

*Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora do curso de Comunicação Social da UFRR- Universidade Federal de Roraima.

cia informação/novas tecnologias de comunicação (NTCs), ainda está em construção embora o termo “knowledge society” tenha sido utilizado pela primeira vez em 1969 pelo acadêmico Peter Drucker. Apesar das controvérsias em torno de sua existência é possível nos questionarmos sobre o papel do webjornalismo³ na construção da moeda motriz dessa sociedade: o conhecimento. Inicialmente é importante esclarecer que será considerada entre as definições do termo conhecimento, a que toma o verbete como um saber estratégico, cuja característica é o entendimento sobre “o contexto no qual determinados procedimentos devem ser implementados” (SQUIRRA, 2005, p. 3).

De acordo com o documento *Towards knowledge societies*, relatório da Unesco lançado em novembro de 2005 sobre os desafios rumos às sociedades do conhecimento, a idéia dessa sociedade emergiu concomitantemente com a noção de sociedade da aprendizagem e é inseparável dos estudos da sociedade da informação, mas deixa que “the idea of the information society is based on technological breakthroughs. The concept of knowledge societies encompasses much

³ Historicamente o webjornalismo já tem 14 anos se considerarmos que o primeiro jornal na web (San Jose Mercury – EUA) começou a ser comercialmente desenvolvido em maio de 1993. É bom frisar que antes disso, em meados dos anos 70, o The New York Times ofereceu serviços *online* com o seu conteúdo para assinantes que possuíam pequenos computadores, em forma de resumos e textos completos de artigos. O primeiro jornal brasileiro na internet foi o *Jornal do Brasil*, 1995 (JB Online) em 28 de maio de 1995. Mas, na época, o JB apenas transcrevia o conteúdo de sua versão impressa para a Web. O Webjornalismo também pode ser denominado de jornalismo digital, ciberjornalismo ou Jornalismo Online (JOL).

broader social, ethical, and political dimensions”⁴.

A Internet, embora seja a evolução de uma descoberta tecnológica, tem certamente cooperado intensamente na disseminação do conhecimento universal que vai muito além dos limites social, étnico e político. Uma cooperação que não se restringe apenas a troca de experiências nas áreas tecnológicas como o compartilhamento de programas de códigos abertos e seus melhoramentos, mas também na área do conhecimento humanístico. Devido à dinâmica das sociedades, principalmente as localizadas nas grandes urbes, as informações disseminadas pela rede – incluindo as de cunho jornalístico – são importantes para o desenvolvimento dos mais diversos campos do conhecimento.

O número de internautas que acessam sites de informação jornalística tem se elevado exponencialmente. Pesquisa da Ibope/NetRatings em 2006 mostrou que o crescimento de acessos a sites de conteúdo noticioso é duas vezes maior que o da própria Internet⁵. Como esse acréscimo está relacionado ao aumento do número de acesso da rede via banda larga, é provável que ele aumente ainda mais agora que o Governo Federal fechou um acordo com as operadoras de telefonia fixa para oferecer pacotes de 600 minutos de acesso discado por apenas R\$ 7,50 por mês.

⁴*Towards knowledge societies*, p. 17. Disponível em:

http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=20507&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

⁵ Em janeiro de 2005, mais de 5,3 milhões de usuários brasileiros navegaram para ler notícias. Em janeiro de 2006 esse número saltou para 6,7 milhões. C.f: <http://www.ibope.com.br>

1. Jornalismo, Informação e Conhecimento

O jornalismo faz um recorte dos fatos que são julgados como relevantes dentro de preceitos do campo da profissão para serem levados ao conhecimento do público. Essa premissa ainda presente em outros suportes (papel, vídeo, frequência de rádio) teve sua dimensão otimizada no webjornalismo⁶, considerando que ocorreram mudanças que vão desde o acesso às fontes produtoras, passando pela relação com o receptor, possibilidades de obtenção da informação agregada até a formatação de conteúdos.

Pesquisa realizada em 2005⁷ indicou que boa parte dos webleitores vê a instantaneidade (41%), a interatividade (28,11%) e o acesso a arquivos de notícias (19%) como as principais características do webjornalismo. Mas sabemos que os atributos do ciberjornalismo vão mais além, disponibilizando a oportunidade de leitura não linear das notícias (hipertexto e hiperlinks) e a possibilidade de recorrer a uma memória coletiva remota, estocada nos bancos de dados dos sites noticiosos.

Apesar do caráter distintivo entre informação⁸ e conhecimento, não é concebível uma sociedade do conhecimento sem informação, assim como um corpo sem células. A informação pode ser considerada a célula

do conhecimento. Na era das redes telemáticas, grande parte da aquisição de informação (células) é feita através das TCIs.

Metaforicamente, se considerarmos a informação como a célula do conhecimento, é pertinente vermos as notícias como um dos processos de reprodução celular que colaboram na construção de um conhecimento estratégico, ou seja, no entendimento de contextos que dá elementos para se formar opinião ou julgamento. Entendimento que pode auxiliar as pessoas a se precaverem, tomar de decisões ou posições acerca de assuntos de interesse. Pode-se afirmar também que o jornalismo é um mecanismo que alimenta a circulação de informações, embora o faça de modo bastante específico, pautando temáticas.

Diante de tantas mídias a bombardear o cotidiano, vivemos um dilúvio informacional. Fenômeno que causa a sensação de estarmos, ironicamente, desinformados por não dar conta de tantas informações. Nosso cérebro é seletivo e também limitado. Em contrapartida, temos a nosso favor a expansão da memória humana na forma de extensão computacional e/ou em rede⁹.

No novo modelo social - cuja moeda corrente é a informação e, por extensão, o conhecimento - o sujeito deve ter a capacidade de fazer uma leitura do mundo de forma que possa não apenas entendê-lo, mas também

⁶ Modalidade de jornalismo que tem como suporte a WWW: *World Wild Web*.

⁷ Publicada no site: Jornalistas da Web.

⁸ É importante saber que informação pode ser vista como “dados dotados de relevância e propósito” (DRUCKER apud. SQUIRRA In: Sociedade do conhecimento). Endereço eletrônico: http://comtec.incubadora.fapesp.br/portal/Members/ssquirra/Textos/squirra_soc.pdf. Pesquisado em 28 de abril de 2007.

⁹ Em sua obra seminal *Os meios de comunicação como extensões do homem* (1964), McLuhan já fala que “Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto-amputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações de equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo” (p. 63). Destarte, neste século, é possível afirmar que a rede mundial de computadores, colocou todos os nossos sentidos para fora, exigindo uma sinergia entre eles para o seu uso, como mostram alguns estudos sobre as redes neurais.

saber agir, responder e interagir com as demandas da vivência humana em tempos de mudanças sociais vorazes e velozes. Isso se for desejável entender o fenômeno da sociedade do conhecimento não apenas como uma nova configuração centrada apenas nas TICs.

Hoje a sociedade do conhecimento é uma realidade para poucos nichos que tiram proveito da sinergia de um saber construído mais completo. Para grande parte da população mundial ela não passa de uma utopia - no sentido de algo imaginativo de uma sociedade ideal. Contudo, é visível que uma boa parte da experiência humana neste século está amalgamada com a informação, a tecnologia e o conhecimento. De forma direta ou indireta a humanidade está sendo atingida por esse trinômio. Isso vale até mesmo para os que se recusam a admitir tal caráter. Mas falar de sociedade do conhecimento é algo muito complexo e como nos alerta Squirra, “trata-se de setor que requer deslocamentos interdisciplinares sofisticados para que se possa decodificar suas intrincadas ramificações, sujeitos e abrangências”¹⁰.

2. Construção do conhecimento

Questões relacionadas ao conhecimento nos remetem à Epistemologia – originada no pensamento de Platão - também denominada de teoria do conhecimento que problematiza as crenças e o saber. Esse ramo da filosofia

¹⁰ SQUIRRA, Sebastião. Sociedade do conhecimento. Endereço eletrônico: http://comtec.incubadora.fapesp.br/portal/Members/ssquirra/Textos/squirra_soc.pdf. Pesquisado em 28 de abril de 2007.

diz que o conhecimento compreende o conjunto de informações que fazem a descrição e explicam tanto o mundo natural como o social - dos quais fazemos parte - com o objetivo de se lançar mão da predição de uma realidade através de um processo analítico.

O conhecimento possível pode levar o sujeito a tomar diferentes atitudes: dogmática - originada pela tese cartesiana -; cética; relativista - que contrapõe a verdade absoluta - e a perspectivista que defende a existência de uma verdade, mas que só é vista em uma pequena parte, estando essa visão na dependência do olhar do sujeito. Sendo a informação¹¹ recebida através da mídia jornalística parte do constructo do conhecimento, é possível que ela contribua com qualquer uma das diferentes atitudes citadas acima sobre um determinado assunto.

O conhecimento é visto também como algo que se constrói durante toda vida. Tem como características a capacidade de analisar, desdobrando e fazendo conexões/articulações entre o que se sabe e o que se está por saber com o que lhe é revelado. O conhecimento leva o indivíduo a imaginar, sendo capaz assim de construir hipóteses para as questões, utilizando-as de

¹¹ Se quisermos uma definição mais científica de informação, é possível recorrer ao conceito do matemático Claude Shannon, criador da Teoria da Informação. Para o autor, informação é a diminuição da quantidade de incerteza quando se recebe uma resposta a uma pergunta. Quanto maior a quantidade de respostas possíveis, maior a quantidade de informação da mensagem. E a mensagem será mais informativa se a resposta for a menos provável. Portanto, quanto maior a quantidade de respostas possíveis, maior a carga de informação da mensagem. E quanto mais improvável a mensagem, mais informativa ela será.

forma dialógica com a realidade, mantendo ao mesmo tempo uma visão holística.

O conhecimento holístico mantém um diálogo entre a especificidade e a transversalidade. Ele nos faz ver a árvore, mas também ver o bosque composto pelas árvores. Um bosque que não é apenas a soma de árvores. Essa é uma metáfora antiga e muito conhecida que se aplica bem para o entendimento do que seja o conhecimento holístico. Como se costuma dizer: só se compreende a árvore se se compreender o bosque, e também só se compreende o bosque se se conhecer cada árvore.

Na construção desse conhecimento é importante ter em mente que as webnotícias não têm o atributo de encerrar o saber sobre determinado assunto. Não é sua proposta ou função, nem o seu suporte é o mais apropriado para isso. Ao ler uma notícia fica-se informado, o que pode ser considerado um dos fios da trama do conhecimento, já que no jornalismo se constroem representações, tratam-se os recortes de um cotidiano que é dado para alguém ou um grupo. Se o leitor for mais adiante, explorando os *hiperlinks*, ele pode aprofundar esse conhecimento, tornando-o apto a ser estratégico.

A leitura das notícias nos leva à apreensão de um recorte da realidade. Mesmo que o olhar inicial esteja dentro de um recorte midiático, ele leva a inserções virtuais dentro das realidades próximas e distantes do cotidiano pessoal. Realidades que dizem mais, ou dizem menos, dependendo do interesse no assunto.

... toda a gente precisa de notícias. Na vida quotidiana, as notícias contam-nos aquilo a que nós não assistimos diretamente e dão como observáveis e signi-

ficativos happenings que seriam remotos de outra forma... (MOLOTCH e LESTER apud TRAQUINA: 22).

A experiência obtida com a leitura de textos tem um papel destacado na formação do conhecimento. A informação jornalística pode ajudar no desenvolvimento de uma cultura que se forma e amadurece pela leitura, pela formulação de perguntas e encontro de respostas. Tudo isso são movimentos de mão dupla, tanto para quem ler como para quem escreve.

Ler é um movimento externamente passivo – mas um movimento, porque mexe com as imagens interiores, guardadas, reprimidas, acrescentando-lhes outras e transformando as que o leitor já traz consigo. Escrever, por sua vez, é um movimento extremamente ativo, fazendo imagens, trazendo algumas do fundo e dando-lhes forma, trazendo outras do mundo e modificando-lhes a forma na direção de um estilo pessoal.¹² (GUSTAVO: 1999:8).

Para o jornalismo a boa notícia é que o ser humano adora novidades, adora ser surpreendido. Esse é o motivo de fazer tanto sucesso e não correr o risco de ser deixado de lado, mantendo sempre um público fiel. Estudos em neurociência mostram que a mente humana tem uma atração incontável por estímulos inusitados. Quando se dá um evento que não era esperado, células do cérebro são mobilizadas para registrar o acontecimento. Os estudiosos Harvey Molotch e Marilyn Lester explicam que essa necessidade de saber advém do instinto da percepção e argumentam que as pessoas

¹² Ibid. p. , 11.

(...) precisam saber o que acontece do outro lado do país e do mundo, precisam estar a par de fatos que vão além da própria experiência. O conhecimento do desconhecido lhes dá segurança, permite-lhes planejar e administrar suas próprias vidas... (MOLOTCH E LESTER apud KOVACH:36).](...) precisam saber o que acontece do outro lado do país e do mundo, precisam estar a par de fatos que vão além da própria experiência. O conhecimento do desconhecido lhes dá segurança, permite-lhes planejar e administrar suas próprias vidas... (MOLOTCH E LESTER apud KOVACH:36).

Molotch e Lester afirmam ainda que conhecer os acontecimentos através de notícias leva a protegemo-nos e a formar uma rede invisível que nos liga uns aos outros, além de ajudar a identificar os amigos inimigos (MOLOTCH e LESTER apud KOVACH: 2003). Em alguns casos o jornalismo mostra os vários tipos de antítese dentro de uma realidade factual. Já para Michael Schudson (1995), o desejo de saber das notícias vai muito além do costume da fofoca. As pessoas desejam também um ordenamento das informações na forma que é apresentada pela mídia: editado, pronto para consumo. É possível inferir que se deseja algo já provido de sentido e um produto de reconhecimento comum. Schudson chega a argumentar que a notícia é uma forma de cultura. Ao defender o jornalismo de desenvolvimento, Kunczik afirma que "... a crença de uma sociedade em sua própria capacidade de realização é moldada de maneira determinante pelos meios de comunicação" (KUNCZIK: 1997: 354).

Quando pensamos as notícias com todo

esse poder, algumas perguntas emergem. A grande quantidade de informação noticiosa à disposição na Internet torna o mundo mais inteligível para o internauta/receptor das notícias? O webjornalismo, independente de suas características¹³, está fazendo um jornalismo muito diferente da mídia noticiosa tradicional? Ele está conseguindo agregar valor à informação? Para responder a essas questões temos que ter em mente inicialmente que webjornalismo se traduz na produção de notícia em suporte digital como a Internet, e que a webnotícia não é o que está apenas nos sites puramente noticiosos como os webjornais, mas também o que está nos portais e alguns *blogs*, desde que a narrativa sobre o fato siga os preceitos de noticiabilidade e sua estrutura seja jornalística¹⁴. Os portais e grandes sítios de acesso apresentam padrões de noticiabilidade cuja característica perceptível é um misto entre notícias de interesse relevante que abrangem assuntos fatos relacionados a política, economia, justiça, polícia, trânsito e tempo com os que podem ser considerados o mais puro *fait divers* e entretenimento.

3. O webleitor e a webnotícia

Do ponto de vista das possibilidades de

¹³ Instantaneidade, interatividade, perenidade, multimídiação (convergência de várias mídias: texto e hipertexto, áudio, fotos e vídeo) hipertextualidade, personalização de conteúdo.

¹⁴ Vale a ressalva de que a maioria dos blogs não tem o jornalismo como proposta. Eles surgiram com outros objetivos e grande parte continua sendo um diário pessoal interativo. No entanto, alguns tratam, em boa medida, de fatos. Trabalham, em muitos casos, com representações dos fatos sem necessariamente – ou quase nunca – primar por uma estrutura jornalística

se obter informação noticiosa, o webjornalismo mudou radicalmente em termos quantitativos. Os sites com informação jornalística são praticamente incontáveis. Isso certamente impõe a necessidade do leitor de notícias na Net situar melhor a informação do ponto de vista da credibilidade.

Na Internet o webleitor pode construir caminhos rizomáticos em busca de notícias, mas também pode se dispersar nas leituras diante dos apelos aos “desvios”. O lingüista e estudioso Antônio Marcushi (1999) define a sobrecarga exigida pelo hipertexto ao webleitor - essa luta contra o possível descaminho de leitura - de stress cognitivo.

É comum as pessoas entrarem na Internet para se informar e ir parar em um site de música, de compras, em *chats* etc. ou ficar navegando enquanto escuta notícias pela TV. Esse pode ser considerado um aspecto hodierno. É que estamos vivendo a era da geração dos multitaskers – fazedores de múltiplas tarefas¹⁵. Pessoas que são capazes de realizar mais de uma atividade ao mesmo tempo¹⁶, dando conta em poucos minutos de coisas para que os antepassados levavam horas. Por ser uma nova característica humana, ainda existe controvérsia científica se ela é danosa à realização de tarefas e prejudicial a uma melhor obtenção de informação. Apesar da falta de comprovação científica, o mercado já trabalha pensando nessa nova elite da espécie humana – as pessoas que já nasceram sob os efeitos das novas tecnolo-

¹⁵ Multiconectados, multiinformados, multiligados.

¹⁶ Pesquisa realizada por Rafael Davini, da Turner Internacional do Brasil mostra que 24% da audiência do Cartoon faz algumas outra coisa quando assiste à televisão. Revista meio&mensagem, 12 de março de 2007.

gias. Eles trabalham visando à adaptação da audiência desse público como a criação de comunidades de interesse comum. Some-se a essa nova característica humana o fato de que na contemporaneidade tudo é consumido rapidamente. O homem pós-moderno tem pressa¹⁷. Sobre esse aspecto Ciro Marcondes Filho nos diz:

O tempo é o vetor dominante da cultura técnica e das tecnologias de comunicação. Ter tempo, ganhar tempo, obter o melhor tempo, são hoje marcas de uma cultura da alta velocidade. A rapidez impõe-se como necessidade e a circulação de bens e mercadorias torna-se alucinante. As experiências, as atividades, as vivências condensam-se cada vez mais, sendo possível viver mais intensamente (isto é, quantitativamente muito mais experiências) que se vivia no passado.¹⁸

Nos cursos de webjornalismo essa característica da pressa é trabalhada de forma pragmática. Alegando que o leitor normalmente está apressado ao ler informações na web, criou-se o conceito de que o texto deve ser curto¹⁹, o que é uma idéia obtusa. As matérias, em verdade, deveriam ter o tamanho que cada uma merece dependendo

¹⁷ Na obra *A Tirania da Comunicação* (1999), Ramonet fala sobre o fetiche da velocidade que leva as pessoas a “assistir aos acontecimentos sem preocupar-se com a qualidade da informação”.

¹⁸ FILHO, Ciro Marcondes. *A sociedade Frankstein*. E-book em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/home.html>

¹⁹ Convencionou-se que as matérias pequenas devem ter até 600 caracteres, as médias até mil e as grandes mais de mil.

da relevância²⁰. No que se refere à arquitetura da informação das matérias na *home page*, prevalece a idéia transportada do jornalismo impresso de que as notícias mais importantes devem estar na metade superior.

Os leitores de notícias na Web²¹ foram definidos por Luciana Moherdauí (2000) como scanners (que passam a vista rapidamente no texto), os multimidiáticos (pessoas que preferem explorar recursos multimídia: voz, imagem, links, etc) e os leitores reais, ou seja, os que procuram informações pontualmente e lêem textos longos.

A webnotícia, a exemplo dos modelos de produção noticiosa para mídias convencionais, contém um recorte dos fatos simplificando o discurso das narrativas, o que não tira seu mérito de tornar o mundo mais compreensível, afinal a mente humana não pode apreender tudo. A esse respeito podemos recorrer a Hebert Simon²² que apresenta a teoria da racionalidade limitada que tem como critério a noção de satisfação. Ou seja: como o indivíduo não pode alcançar um sistema ideal, ele lança mão de um resultado satisfatório, simplificando o modelo de

²⁰ É necessário acrescentar que no mundo globalizado e multifacetado das NTICs, algumas grandes empresas de conteúdo noticioso já estão preparando o seu conteúdo para distribuir em edições via e-mail, aparelhos de telefonia celular, MP3, Web TV, televisão interativa e telas portáteis em aviões, metrô e ônibus. Nesses casos, o tamanho da informação devem se adaptar ao suporte.

²¹ A leitura de sites jornalísticos subiu 200% do final do século até 2003, enquanto foram registradas quedas na venda de jornais impressos.

²² Pesquisador do campo da Psicologia Cognitiva. Embora em seu estudo Simon não faça referência a apreensão do conhecimento através da recepção de notícias, ele nos ajuda a compreender como a mente pode funcionar diante delas no que se refere à aceitação da quantidade de informação.

mundo com o qual interage para poder dar conta de processar as informações e tomar uma decisão. Esse sistema também pode ser transposto para inferências no que se refere à recepção de grande parte das notícias. Em um dado momento, é natural que o leitor dê a informação recebida como satisfatória. Mas essa ação depende muito do interesse direto ou da necessidade de lidar com aquela informação.

A Internet é um caos que tende a se organizar porque as pessoas entram no rolo e falam : Ah ! Eu entrei na Internet. Então porque eu vou ler o jornal daqui de Campinas se posso ler o The New York Times, posso ler o Le Monde. Se eu falo francês e inglês leio. No primeiro momento, para o internauta tudo é fantástico, o mundo se descortina. No segundo momento ele fala: o que é que vou fazer com a informação do The New York Times se a minha vida é aqui. Eu preciso dar conta da minha vida no meu microcosmo. E aí ele vai cada vez mais se civilizando a portais que dêem conta de sua identidade e da sua necessidade... (MARANGONI; PEREIRA; SILVA: 2002, p., 92)

Apesar do dilúvio informacional na Web, a forma de apresentação do conteúdo jornalístico é conhecida do público. Esse reconhecimento pode ser considerado um primeiro passo para a inteligibilidade, mesmo que alguns conteúdos noticiosos estejam maquiados pelos gêneros narrativos. A grande quantidade de informação, diversificação de formato, fontes e sítios eletrônicos não têm se mostrado prejudiciais ao entendimento do webleitor no que se refere à inteligibilidade

que as notícias podem proporcionar para compreensão de fatos cotidianos.

Um dos fatores que mais conta a favor do webjornalismo na construção do conhecimento - se levarmos em consideração que o saber é construído também com a troca de idéias e interação - é o *feedback*: a possibilidade de saber como a mensagem está sendo recebida. Esse atributo pode se dar por inserção de opinião no próprio site, e-mail ou fórum. Nos demais suportes - como jornal impresso - o *feedback* ainda é lento e de certa forma desestimulante, pois o receptor muitas vezes tem que percorrer caminhos longos para chegar até o produtor da informação, mesmo tendo como ferramentas o telefone, fax ou e-mail para entrar em contato com o(s) produtor(es) da notícia, isso porque geralmente o contato passa por filtros dentro da redação.

O ciberjornalismo é transtemporal e transespacial, que de certa forma são características presentes desde a invenção da mensagem escrita se considerarmos que em alguns casos ocorre a preservação do material em arquivos²³.

4. Atributos do webjornalismo

De todas as qualidades do webjornalismo

²³ É importante frisar que muitas informações produzidas em suportes perecíveis como papel, etc. e resgatadas por historiadores ou arqueólogos estão sendo digitalizadas e preservadas na Internet. Até mesmo aquelas informações passadas de geração para geração sem registro em papel estão sendo resgatadas em relatos orais e inseridas no ciberespaço, que deve preservá-las intemporalmente. A capacidade de estocar arquivo de material jornalístico em memória computacional é uma das fortes qualidades do ciberjornalismo. É muito mais barato manter arquivos na rede do que em ambientes físicos.

a transespacialidade é um das que provavelmente mais colabora com a interação²⁴ das pessoas separadas geograficamente. Fator que é muito importante para a evolução social da sociedade do conhecimento. A possibilidade de acessar informação diária a longa distância dá outra dimensão ao atributo da proximidade que é intrínseco à noticiabilidade. Antes do webjornalismo, em muitos rincões do Brasil, por exemplo, os jornais levavam dias para chegar às mãos do leitor. Isso dava uma sensação de isolamento, até para os que habitavam em capitais do país. Ainda hoje edições impressas da grande mídia chegam a muitas cidades com dois dias de atraso²⁵. Por mais que o número de pessoas que fazem uso da rede esteja crescendo, somente 11% da população mundial tem acesso à Internet e 90% das pessoas que podem se conectar vivem nos países industrializados - segundo relatório publicado pela UNESCO em Paris (2005).

Embora o webjornalismo tenha o atributo da transtemporalidade não existe garantia de que o que está hoje em um site continue lá

²⁴ Cf. THOMPSON, John B. O advento da interação mediada. In: A mídia e a modernidade - Uma teoria social da mídia, 1998.

²⁵ É possível citar como exemplo o fato de que até 1996 os jornais do sul do país levavam três dias para chegar a Boa Vista, capital do Estado de Roraima, o que no meio jornalístico era motivo de chacota. Algumas pessoas quando recebiam o jornal diziam que "chegou notícia do Brasil". Para saber o que acontecia nos centros decisórios do país as pessoas ficavam restritas ao que era noticiado exclusivamente pelos telejornais de cobertura nacional. É bom lembrar que Roraima faz fronteira com a Venezuela (cerca de uma hora e meia de carro) e que para se chegar às grandes cidades do Brasil - como São Paulo, Rio de Janeiro ou Brasília - levam-se dias. De avião, dependendo do voo, pode-se levar até 11 horas no trajeto incluindo escala e conexões.

por tempo indeterminado. No entanto, a possibilidade dessa informação ser guardada e reproduzida novamente é certamente muito maior do que em outros suportes. Uma informação pode se arquivada em PC pessoal e basta que alguém a envie por e-mail para outros para que ela seja disseminada, quiçá para milhares, de forma instantânea. É importante chamar atenção para o fato de que a informação pode ser modificada e passada para frente como original. Essa característica atualmente é mais comum quanto a artigos.

Mesmo tendo mudado consideravelmente o modo de se produzir, formatar e publicar, o webjornalismo tem o seu cerne em comum com o jornalismo ancorado nas demais mídias. Afinal, o jornalismo tem como preceito básico a narrativa de fatos, e é isso que é feito pelo jornalista independente do suporte de publicação. Portanto, o que diferencia, e muito, o ciberjornalismo dos demais (radiojornalismo, telejornalismo, jornalismo impresso) são as suas múltiplas configurações de apresentação, diversidade de suportes agregados, caminhos que podem ser trilhados com *links*, instantaneidade, interatividade e certa medida de “perenidade”.

Até algum tempo tudo levava a crer que a leitura em tela era altamente cansativa e dispersiva. Mas um estudo do Instituto Poynter²⁶. É possível assistir um vídeo com o relato sobre os procedimentos e registros da pesquisa. e da Universidade de Stanford desmentem esse mito e mostram que o que ocorre é uma variação do comportamento de leitura de acordo com cada meio. Na in-

²⁶ O estudo foi feito utilizando um dispositivo chamado de EyeTrack07. No site do Instituto <http://www.poynter.org/column.asp?id=62&aid=119843>

vestigação demonstrou-se que quem lê notícias em sites da Internet tende a se concentrar bem mais no texto do que nas fotografias ou gráficos. Essas informações visuais ficam em segundo plano. Em oposição, quem lê jornal e revistas procura primeiramente as ilustrações e só depois o texto. A pesquisa apontou ainda que na internet os leitores lêem, em média, 75% de cada artigo e nos jornais e revistas este índice cai para 30%.

Mais do que qualquer outra modalidade de jornalismo, o webjornalismo é capaz de agregar valor à informação. Isso, é claro, nem sempre ocorre, mas a capacidade para tanto existe e é vasta. O hiperlink tem o papel de ampliar a informação agregando valor à notícia. Seja com trechos de textos, áudio ou vídeo. No ciberjornalismo o receptor pode aprofundar as informações repassadas por matérias veiculadas em TV, rádio ou jornal.

A informação agregada tem como missão explicar melhor, analisar, ou contextualizar os fatos. Esse é um papel mais amplo do que oferecer a informação de um acontecimento. Como explica Marcos Palácios,

como o Hipertexto, o Fechamento não se dá, ou pelo menos não se dá da forma à qual estamos habituados (...) cada leitor, ao estabelecer sua leitura, estabelece também uma determinada “linearidade” específica, provisória, provavelmente única. Um Segunda ou terceira leituras do mesmo texto podem levar a “linearidades” totalmente diversas, a depender dos links que sejam seguidos e das opções de leitura que sejam escolhidas, em momentos em que a história se bifurca ou oferece múltiplas possibilidades de continuidade...²⁷

²⁷ PALÁCIOS, Marcos. Hipertexto, Fechamento e

Por mais que tenham ocorrido mudanças nos atributos dos fatos que podem supostamente tornarem-se notícia²⁸ (no sentido de alastramento dessas prerrogativas), alguns critérios permanecem os mesmos, ajudando os *gatekeepers* a balizarem as decisões sobre se um determinado fato deve ou não obter o status de notícia:

Em última análise, os valores informativos nada mais são que as suposições dos jornalistas com referência àquilo que interessa a um público determinado, àquilo que chama a sua atenção (KUNCZIK: 1997:240)

Uma das principais contribuições do webjornalismo para a construção da sociedade do conhecimento está no segmento que trata de conteúdo científico em linguagem mais acessível. A divulgação ajuda a difundir e levar conhecimento a um maior número de pessoas sobre os fatos científicos e tecnológicos. No entanto, esse tipo de notícia só faz sentido quando interpretada.

Muitos estudos (...) documentam uma relação positiva entre a capacidade intelectual (definida, por exemplo, como educação formal ou provas de inteligência) e a habilidade para aprender a partir das mensagens dos meios de comunicação de massa. A aprendizagem de certa informação não depende inteiramente da ca-

o uso do conceito de não-linearidade discursiva. Em: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/hipertexto.html>
<http://www.poynter.org/column.asp?id=62&aid=119843>.
Pesquisado em janeiro de 2002.

²⁸ Alguns dos principais critérios de noticiabilidade: atualidade, importância para a sociedade, raridade, conseqüências para a comunidade, relevância, proximidade (geográfica, cultural, religiosa), interesse humano, importância científica e curiosidade.

pacidade para aprender em si; depende também do que os indivíduos equipados com maiores habilidades intelectuais possuam em sua maioria um quadro de referências mais amplo, dentro do qual possam situar facilmente a nova informação (KUNCZIK: 1997:310).

Do ponto de vista profissional, o jornalismo pode ser visto como ciência. O que para alguns seria uma heresia, foi aceito pelo renomado físico Lawrence Cranberg que, em 1989, elevou o jornalista à categoria de cientista considerando que este, uma vez bem qualificado e responsável, compartilha da imperiosidade da compreensão e do conhecimento, fazendo com que o público busque a racionalidade das coisas.

O Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a Ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar (Meditsch, 1992: 4).

No que se refere à recepção, o conteúdo do webjornal, a exemplo dos demais produtos jornalísticos, também está inserido nos níveis de “consciência possível” do receptor elencados por Lucien Goldman (apud. EPSTEIN: 2007) que em síntese são: a falta de informação prévia para se compreender a notícia; a impermeabilidade do eu consciente e a resistência a certas informações por preponderar uma consciência real construída socialmente²⁹. Ainda so-

²⁹ C.f. EPSTEIN, Isaac. Quando um fato se transforma em notícia no jornalismo e na ciência. In: Sociedade & Comunicação. Revista da Pós-Com - UMESP. No. 47. p., 167

bre as barreiras à assimilação da notícia, Epstein recorre a Parry que, entre outras dificuldades, aponta a limitação da capacidade do receptor³⁰ como uma delas.

Esses fatores chamam a atenção para a necessidade de o webleitor ter um determinado nível educacional para compreender bem a informação. Sobre esse ponto, o relatório da Unesco *Towards Knowledge Societies* insiste que “most of the people in the world need books, school textbooks and teachers before computers and internet access” (*op. cit.* p., 18).

Para a Unesco o acesso à informação, a liberdade de expressão e de opinião são fundamentais para o avanço da Sociedade do Conhecimento. Sob este ponto o webjornalismo, principalmente o ancorado nos weblogs, tem se mostrado importante no processo de democratização da informação. Ao contrário da maioria dos veículos de suportes tradicionais, muitos sites de conteúdo jornalístico não estão subjugados, ou são mediados, pela ordem hegemônica de grandes conglomerados ou grupos políticos.

O crescimento da blogosfera e de seus adeptos³¹ nos últimos anos tem sido tão significativo que no início do ano 2000, chegava-se a questionar se eles fariam com o que o jornalismo on-line mudasse o seu formato. O mais instigante em 'blogar' é a abertura para compartilhar pensamentos e informações. Isso é muito atrativo, mas muitos jornalistas dizem que eles não têm a mesma credibilidade de veículos tradi-

cionais de imprensa. De acordo com o Jornal do Brasil a variedade de profissões dos blogueiros é imensa, assim como a multiplicidade de temas preferenciais indo desde a literatura, informática até a análise de problemas nacionais e mundiais.

É necessário refletir que mesmo sendo um território “livre”, onde se escreve e se publica o que se quer, o blog está ligado a alguém. Esse alguém certamente tem seus interesses, sua forma de ver o mundo, intenções, idéias e ideais, como qualquer outra pessoa. É um ser sociocultural. Portanto a idéia de objetividade, no sentido de imparcialidade, é ilusória. No máximo ela está inserida na premissa de não distorcer os fatos. “A subjetividade e a reportagem feita com consciência não contradizem. A objetividade significa simplesmente não distorcer nem suprimir os fatos” (KUNCZIK: 1997: 101). No caso dos weblogs de caráter jornalístico é esperado, pelo ou menos, que ele esteja livre das amarras e do cerceamento de comandos da grande mídia. No entanto está é apenas uma suposição ou hipótese que só poderá ser testada pelo webleitor atento com capacidade de cognição aguçada.

Traquina (2005) promove um encontro de idéias de alguns autores renomados sobre a polêmica questão se a notícia é uma construção ou apenas uma narrativa. Para Stuart Hall (1984) os jornalistas resistem à idéia de construção - o que permitiria a elaboração e recepção de maneiras diferentes – porque essa assertiva seria um “ataque ao sentido de legitimidade profissional...” (HALL apud. TRAQUINA: 2005:17). Bird e Dardenne (apud. TRAQUINA, 2005:18) alegam que mesmo que se considere as notícias como narrativas elas não deixam de corresponder à realidade exterior. A defesa com maior ên-

³⁰ Ibid. p. 168

³¹ Pesquisa trimestral da Ibope/NetRatings revelou em 2005 que os brasileiros ficam em média 16 horas e 54 minutos conectados. Os sites noticiosos e de entretenimento estão entre os de uso mais intensos.

fase dentre as expostas por Traquina, pode ser a da socióloga americana Gaye Tuchman (apud. TRAQUINA, 2005:19)

(...) dizer que uma notícia é uma “estória” não é de do algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna.

5. Considerações Finais

O arquivo remoto das webnotícias é uma espécie de memento digital que colabora de forma revolucionária para com a memória coletiva. Os arquivos associados às ferramentas de busca são poderosos recursos para obtenção de informações que podem ser úteis para se tomar de decisões, formar juízo, revisar posições, etc. As informações nos moldes de notícias são importantes na formação do conhecimento. Elas contam a história do cotidiano dando sentido ao desenrolar dos fatos, mesmo que essa narrativa esteja delimitada pelos recortes midiático e jornalístico. Nesse sentido, é possível depreender a favor do webjornalismo como um instrumento colaborador na construção do conhecimento e, por extensão, da sociedade do conhecimento: uma sociedade marcada pela valorização da atividade mental, construção do saber compartilhado, uso da informação e das tecnologias objetivando a melhoria da qualidade de vida de todos.

6. Referências Bibliográficas

EPSTEIN, Isaac. Quando um fato se transforma em notícia no jornalismo

e na ciência. In: *Comunicação & Sociedade*- Revista da Pós-Com - UMESP. No. 47.

BERNARDO, Gustavo. *Redação inquieta*. 4 ed. São Paulo: Globo, 1998.

KOVACK, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. São Paulo: Edusp, 1997.

MARANGONI, Reginaldo; PEREIRA, Luciano Iuri; SILVA, Rafael Rodrigues. *Webjornalismo: uma reportagem sobre a prática do jornalismo online*. 2 ed. Indaiatuba, São Paulo: 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. *A sociedade Frankstein*. E-book em <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/home.html>. Pesquisado em: 23 de abril de 2003

MARCUSCHI, Luiz Antonio A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: *Línguas, instrumentos lingüísticos*. Campinas: Pontes, 1999. p. 21–46.

MEDITSCH, Eduardo. *O conhecimento do jornalismo*. Florianópolis: Editoria da UFSC, 1992.

MOHERDAUI, Luciana. *Guia de Estilo Web: produção e edição de notícias online*. São Paulo: Senac, 2000.

PALÁCIOS, Marcos. *Hipertexto, Fechamento e o uso do conceito*

de não-linearidade discursiva. Em:
<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/hipertexto.html>. Pesquisado em janeiro de 2002.

RAMONET, Ignácio. *A tirania da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCHUDSON, Michael. *The power of news*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

SQUIRRA, Sebastião. Sociedade do conhecimento em:
http://www.comtec.pro.br/prod/artigos/squirra_soc.pdf texto publicado como capítulo do livro *Direitos à comunicação na Sociedade da Informação*, de José Marques de Melo e Luciano Sathler (orgs.) Editora Universidade Metodista, 2005.

SQUIRRA, Sebastião. Sociedade do conhecimento. In: *Comunicação & Sociedade- Revista da Pós-Com - UMESP*. No. 47. Towards Knowledge Societies. Disponível em:
http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=20507&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

THOMPSON, Jonh B. *A mídia e a modernidade – Uma teoria social da mídia*, Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

_____. *Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.